

ÉTICA E OS DESAFIOS DA TEOLOGIA PENTECOSTAL NA PÓS-MODERNIDADE

Pr. Brayan Lages

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

1 - QUAIS OS FUNDAMENTOS DA ÉTICA NA TEOLOGIA PENTECOSTAL ASSEMBLEIANA?

- 1.1 - Ética filosófica e ética teológica: dois caminhos, dois fundamentos
- 1.2 - O que é a ética cristã? diferenças entre a ética católica e a protestante
- 1.3 - A ética pentecostal assembleiana: santidade, espírito e testemunho

2- BIOÉTICA E A RESPOSTA PENTECOSTAL: DILEMAS CONTEMPORÂNEOS

- 2.1 - Introdução à bioética: conceitos fundamentais e sua importância
- 2.2 - O início e o fim da vida: aborto, eutanásia e transumanismo sob a ótica pentecostal
- 2.3 - Testemunho pentecostal na defesa da dignidade da vida humana

3 - INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: QUAIS OS DESAFIOS ÉTICOS PARA A IGREJA?

- 3.1 - A inteligência artificial e seu desenvolvimento histórico
- 3.2 - IA e práticas de fé nas religiões
- 3.3 - Desafios e alertas sobre a ia em perspectiva pentecostal

4 - A IGREJA PENTECOSTAL E A ÉTICA DO TESTEMUNHO CRISTÃO NO SÉCULO XXI

- 4.1 - O que é pós-modernidade e seus principais interlocutores
- 4.2 - O compromisso ético da igreja diante dos desafios sociais e tecnológicos
- 4.3 - O papel do discipulado e da santidade como resposta ética à pós-modernidade

CONCLUSÃO

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



CAPÍTULO 3 – INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: QUAIS OS DESAFIOS ÉTICOS PARA A IGREJA?

INTRODUÇÃO

A ascensão da Inteligência Artificial (IA) representa uma das maiores transformações tecnológicas da era contemporânea, afetando profundamente a forma como vivemos, trabalhamos e nos relacionamos. Se, por um lado, essa inovação promete avanços extraordinários na medicina, na automação e na comunicação, por outro, suscita questões éticas e teológicas que desafiam a cosmovisão cristã. A Igreja, como agente moral e espiritual na sociedade, precisa refletir sobre os impactos da IA à luz das Escrituras, buscando discernir seus benefícios e riscos para a identidade humana, a ética cristã e a espiritualidade.

Um dos principais dilemas éticos envolve o impacto da IA no mercado de trabalho e na desigualdade social. A automação crescente pode gerar desemprego estrutural, deslocando milhões de trabalhadores para funções que talvez nem existam ainda. A teologia cristã, historicamente comprometida com a dignidade do ser humano e a justiça, precisa oferecer uma reflexão ética que equilibre inovação e responsabilidade.

A IA também levanta preocupações sobre a identidade humana e a espiritualidade cristã. Em um mundo onde algoritmos tomam decisões que antes eram exclusivamente humanas, como preservar o valor intrínseco da pessoa criada à imagem e semelhança de Deus? A crescente dependência da tecnologia pode enfraquecer a relação do indivíduo com sua fé, substituindo a reflexão teológica por respostas automatizadas e pragmáticas.

Outro aspecto crucial é o uso da IA na pregação do Evangelho. Enquanto novas tecnologias podem ampliar o alcance da mensagem cristã, facilitando a evangelização digital e o discipulado online, também apresentam riscos como a superficialidade do conteúdo teológico, a dependência de algoritmos para determinar o que deve ser pregado e a perda da experiência comunitária essencial ao cristianismo.

A Igreja precisa considerar os limites éticos e teológicos do conhecimento humano diante da IA. A busca desenfreada por inovação pode levar à tentação de ultrapassar os limites dos valores cristãos estabelecidos. A soberania divina continua sendo o fundamento da fé cristã, e qualquer avanço tecnológico deve ser avaliado à luz desse princípio. Este capítulo propõe uma análise crítica e teológica sobre os desafios éticos da Inteligência Artificial, buscando oferecer uma resposta fundamentada na cosmovisão

bíblica. Como a Igreja pode navegar nesse novo cenário sem comprometer seus valores fundamentais? Como equilibrar inovação e fidelidade ao Evangelho? Essas são algumas das questões que exploraremos a seguir.

3.1 A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E SEU DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO

A IA pode ser compreendida como a capacidade de sistemas computacionais de operar de forma semelhante ao pensamento humano, processando informações, analisando variáveis, tomando decisões e resolvendo problemas. Trata-se de um avanço tecnológico que visa desenvolver dispositivos capazes de simular a inteligência humana, permitindo que máquinas não apenas executem comandos pré-programados, mas também aprendam e adaptem suas respostas com base em padrões identificados em grandes volumes de dados.¹

Conceitualmente, a IA pertence ao campo da computação e envolve a criação de sistemas – eles são físicos, baseados em software ou redes complexas – capazes de interpretar dados, aprender a partir dessa análise e aplicar esse aprendizado para a resolução de problemas e a conquista de objetivos específicos. Em outras palavras, a IA opera a partir de uma lógica que se aproxima do raciocínio humano, permitindo que as máquinas desenvolvam autonomia em sua tomada de decisões.

De acordo com o dicionário Michaelis, o termo “artificial” refere-se a algo criado pela intervenção humana, enquanto “inteligência” está associada à capacidade de compreender, pensar, raciocinar e interpretar.² Assim, a Inteligência Artificial pode ser definida como o ramo da ciência que busca desenvolver sistemas capazes de reproduzir essas funções cognitivas de forma automatizada. John McCarthy, criador do termo “Inteligência Artificial”, definiu como “a ciência e a engenharia de produção de sistemas inteligentes”.³ Segundo essa perspectiva, os sistemas de IA dependem essencialmente de dados, aprendem continuamente com eles e ajustam seus processos conforme novas informações são inseridas.

A relevância da IA ultrapassa o mero processamento de informações. Seu potencial reside na capacidade de realizar tarefas anteriormente realizadas apenas por seres humanos, bem como de identificar padrões e desenvolver soluções inovadoras sem

¹ BARBOSA, 2023, p. 17.

² NUNES, 1998.

³ MCCARTHY, 1986, p. 90-91.

a necessidade de intervenção direta. No âmbito empresarial, a IA tem revolucionado a otimização de processos e a análise de dados, permitindo uma tomada de decisões mais rápida e eficiente.

Os primeiros estudos sobre IA remontam ao desenvolvimento inicial dos computadores, na metade do século XX. O britânico Alan Turing (1912-1954) teve um papel fundamental nesse avanço, sendo extremamente reconhecido como o precursor da ciência da computação teórica e da IA. Seu trabalho colocou os fundamentos para a criação de máquinas que poderiam imitar processos lógicos do pensamento humano.⁴ No campo da IA, Turing antecipou a discussão sobre a possibilidade de máquinas pensarem. Em 1950, publicou o influente artigo “Computing Machinery and Intelligence”⁵, no qual propôs o famoso Teste de Turing. Esse teste consiste em um experimento para avaliar a capacidade de um sistema computacional de exibição de comportamento inteligente indistinguível de um ser humano. Embora ainda debatido, o teste se tornou um marco filosófico e técnico nos estudos sobre cognição artificial.

Na década de 1950, o conceito de IA começou a ganhar forma entre pesquisadores e cientistas. Em 1956, durante uma conferência no Dartmouth College, nos Estados Unidos, um grupo de estudiosos discutiu a possibilidade de criar máquinas capazes de simular o comportamento humano. Esse evento é considerado um marco no nascimento oficial da Inteligência Artificial como disciplina científica.⁶ Naquele período, a ideia de máquinas inteligentes ainda era vista como um tema de ficção científica, e mesmo os primeiros pesquisadores, talvez, não buscassem plena consciência do impacto revolucionário que essa tecnologia teria sobre a sociedade. Assim, como a eletricidade transformou a humanidade, a IA tem o potencial de redefinir inúmeras áreas do conhecimento e do cotidiano, impulsionando novos paradigmas no campo da tecnologia e da ética. Nesse sentido, faz-se necessário uma reflexão ética e teológica sobre essa manifestação tecnológica em nossa realidade objetiva.

Para compreender melhor o funcionamento da IA, é necessário conhecer duas tecnologias fundamentais que possibilitam a simulação do cálculo humano:

I - Machine Learning

É um ramo da IA que permite que sistemas aprendam autonomamente, sem necessidade de programação explícita para cada situação específica. Esse processo ocorre

⁴ FOX; RAEDT; MUGGLETON, 2014, p. 9.

⁵ TURING, 2009.

⁶ BARBOSA, 2023, p. 18.

por meio da análise de dados e da identificação de padrões, permitindo que os algoritmos tomem decisões de forma autônoma com base nas informações previamente processadas. Sem essa tecnologia, a IA moderna – aquela que ultrapassa o campo da ficção científica e está presente em nosso cotidiano – não seria viável.

Para facilitar a compreensão dos leitores, vejamos alguns exemplos práticos do Machine Learning em ação:

a. Recomendações de filmes e músicas

Quando você assiste a um filme ou ouve uma música em serviços de *streaming*, a plataforma aprende sobre suas preferências. Com base no que você já assistiu ou ouviu, o sistema analisa dados de milhões de usuários com gostos semelhantes e sugere novos conteúdos automaticamente. Isso acontece porque o Machine Learning identifica padrões de comportamento e ajusta as recomendações conforme seu histórico.

b. Filtros de *spam* no e-mail

Se você usa Gmail, Outlook ou outro serviço de e-mail, já deve ter notado que mensagens indesejadas (*spam*) são automaticamente filtradas para uma pasta separada. O sistema de Machine Learning analisa milhares de e-mails, identificando padrões em mensagens de spam (como palavras-chave suspeitas e remetentes duvidosos) e vai aprendendo a melhorar esse filtro ao longo do tempo.

c. Assistentes virtuais (Siri, Alexa e Google Assistant)

Quando você faz uma pergunta para a Siri ou para a Alexa, a resposta fornecida é baseada no aprendizado prévio do sistema. Esses assistentes utilizam Machine Learning para entender melhor sua voz, interpretar o contexto e fornecer respostas mais precisas a cada nova interação.

d. Tradução automática (Google Tradutor)

Antigamente, sistemas de tradução seguiam regras pré-programadas, mas hoje, o Google Tradutor usa Machine Learning para entender melhor os idiomas. Ele aprende com bilhões de frases traduzidas na internet e melhora a precisão das traduções com o tempo, ajustando-se ao contexto e ao uso real das palavras.

e. Carros autônomos (Tesla e BYD)

Os veículos autônomos utilizam Machine Learning para reconhecer pedestres, placas de trânsito e outros veículos ao redor. Com base nos dados captados por sensores e câmeras, o sistema aprende a tomar decisões seguras, como quando parar, acelerar ou desviar de obstáculos.

f. Reconhecimento facial (desbloqueio de celular)

Quando você desbloqueia seu *smartphone* com o rosto, o sistema usa Machine Learning para reconhecer suas feições, mesmo que você mude de óculos, corte o cabelo ou esteja em um ambiente com pouca luz. Ele aprende a se adaptar às mudanças e melhora a precisão com o tempo.

g. Detecção de fraudes em cartões de crédito

Empresas financeiras usam Machine Learning para identificar fraudes. Se um cartão de crédito é usado de forma suspeita (por exemplo, compras incomuns em outro país ou valores muito altos em pouco tempo), o sistema detecta o padrão anômalo e pode bloquear a transação automaticamente para evitar prejuízos.

Esses exemplos mostram como o Machine Learning já faz parte do nosso dia a dia, influenciando desde as nossas escolhas de entretenimento até a segurança das nossas informações

II - Deep Learning

É uma subárea do Machine Learning que utiliza redes neurais artificiais avançadas, inspiradas na estrutura e no funcionamento do cérebro humano. Essas redes possuem múltiplas camadas de processamento que possibilitam o aprendizado de padrões altamente complexos. Sua principal vantagem é a capacidade de interpretação e processamento de grandes quantidades de dados com alto nível de precisão, tornando os sistemas cada vez mais modernos e sofisticados. O desenvolvimento e a aplicação da IA requerem conhecimento em áreas fundamentais, como informática, matemática e lógica computacional. Esses campos fornecem uma base teórica e prática para a construção de algoritmos avançados que sustentam os sistemas de IA contemporâneos.

Para entender melhor, imagine o cérebro humano aprendendo algo novo. Quando uma criança vê um gato pela primeira vez, ela observa suas características: quatro patas, bigodes, orelhas pontudas, um jeito ágil de se mover. Com o tempo, seu cérebro associa essas informações e aprende a reconhecer um gato em diferentes situações. O Deep Learning funciona de maneira parecida: ele analisa milhares de exemplos, identifica padrões e se aprimora a cada nova informação recebida. Segue dois exemplos abaixo:

a. Diagnóstico médico automatizado

No setor da saúde, o Deep Learning é utilizado para detectar doenças em exames de imagem, como radiografias e tomografias. Por exemplo, sistemas de IA conseguem identificar células cancerígenas analisando milhões de imagens médicas e comparando padrões, muitas vezes com mais precisão do que médicos humanos.

b. Criação de imagens e vídeos realistas (*Deepfake*)

O Deep Learning também é usado para criar vídeos realistas de pessoas que nunca existiram ou para modificar vídeos reais. Um exemplo são os *deepfakes*, que utilizam redes neurais para alterar rostos e vozes em vídeos, criando simulações impressionantes que podem ser usadas para entretenimento, mas também levantam preocupações éticas.

A Inteligência Artificial pode ser categorizada em diferentes níveis, dependendo de sua complexidade e da capacidade de adaptação e aprendizagem:

a. Inteligência Artificial Restrita (IA Fraca)

É caracterizada por sua especialização em tarefas específicas. Essa categoria abrange a maioria dos sistemas de IA atualmente utilizados, como assistentes virtuais (Alexa, Siri e Google Assistant), mecanismos de recomendação de produtos e *chatbots*. Esses sistemas são treinados para funções determinadas sem extrapolar suas capacidades para outras áreas do conhecimento.

b. Inteligência Artificial Geral (IA Forte)

Refere-se a sistemas que possuem habilidades cognitivas comparáveis aos seres humanos. Diferentemente da IA Restrita, a IA Geral tem a capacidade de aprender e aplicar conhecimentos em diferentes contextos, adaptando-se a novas situações e executando múltiplas tarefas sem necessidade de reprogramação específica. Esse tipo de IA ainda se encontra em fase teórica e experimental, sendo um dos principais desafios dos pesquisadores da área.

O avanço da IA tem impulsionado inúmeras inovações e questionamentos em diversos setores. No contexto empresarial, uma das aplicações mais comuns é o uso de *chatbots*, que fornece atendimento ao consumidor de maneira automatizada e eficiente, operando 24 horas por dia e com custos operacionais econômicos. Além disso, a IA tem sido amplamente empregada na análise preditiva de mercados, na automação de processos industriais, na detecção de fraudes financeiras e até mesmo na medicina, auxiliando diagnósticos clínicos e personalizando tratamentos com base no histórico do paciente. Com o desenvolvimento contínuo da IA, sua integração com diferentes áreas do conhecimento tende a se expandir, nos trazendo grandes dúvidas sobre qual será o futuro da humanidade, tendo em vista que é perceptível uma tentativa de emoção, ou até mesmo substituição do ser humano em determinadas áreas do tecido social, principalmente quando se fala de trabalho e questões afetivas.

3.2 IA E PRÁTICAS DE FÉ NAS RELIGIÕES

O avanço da IA tem permeado praticamente todas as esferas da sociedade, impactando não apenas setores técnicos e econômicos, mas também questões fundamentais da vida humana, como a espiritualidade e a prática religiosa. No campo religioso, a IA já está sendo utilizada para desempenhar funções que, historicamente, sempre foram associadas a pastores, sacerdotes e líderes espirituais.⁷ Do ponto de vista técnico, sistemas de IA podem ser programados para conduzir cerimônias, realizar aconselhamentos espirituais, ensinar teologia, evangelizar e até mesmo ministrar bênçãos e sacramentos. Entretanto, o que se apresenta como inovação tecnológica levanta uma série de questionamentos teológicos e éticos sobre os limites da participação da IA na vida religiosa.

A questão central que se impõe é se a religião, que tradicionalmente enfatiza a transcendência, a comunhão espiritual e a experiência pessoal com o sagrado, pode incorporar plenamente a tecnologia como mediadora dessa experiência. Até que ponto é aceitável que robôs humanoides atuem como líderes espirituais ou que a IA seja utilizada para funções litúrgicas e rituais? Um robô poderia ser batizado? Poderia receber a ceia? Poderia ser ordenado como pastor, rabino ou padre?⁸ Essas perguntas não são meras especulações, mas desafios concretos que diferentes tradições religiosas terão que enfrentar à medida que a IA se torna mais sofisticada e integrada ao cotidiano da humanidade.

O impacto da IA na religião já pode ser observado em diversos países. No Japão, por exemplo, o robô Mindar foi desenvolvido para ministrar ensinamentos budistas em um templo, atraindo fiéis e monges que buscam reflexão espiritual por meio de sua interação.⁹ Sua função não se limita a ser um mero suporte audiovisual para a disseminação dos ensinamentos budistas, mas sim a conduzir momentos de oração e reflexão, assumindo um papel tradicionalmente humano na prática religiosa.

Um estudo britânico apresenta uma contribuição inovadora ao analisar as percepções de crianças e adultos sobre a presença de um robô com aparência antropomórfica no contexto religioso, bem como sua disposição em aceitar que tal entidade artificial realizasse orações em seu favor. A pesquisa revelou discrepâncias geracionais significativas: enquanto as crianças demonstraram maior abertura para essa possibilidade, os adultos apresentaram maior relutância e hesitação diante da interação

⁷ SOARES, 2022, p. 7.

⁸ SOARES, 2022, p. 7.

⁹ DEZAIZE, 2020, p. 7.

com um agente robótico em um ambiente de espiritualidade.¹⁰ Esse contraste levanta questões fundamentais sobre o desenvolvimento da aceitação tecnológica ao longo da vida e se essa receptividade infantil à IA em práticas religiosas se mantém na idade adulta ou se sofre influência de mudanças cognitivas, sociais e teológicas ao longo do tempo.

A predisposição infantil para a aceitação de robôs em rituais religiosos pode ser interpretada a partir da familiaridade das novas gerações com tecnologias inteligentes e interativas, uma vez que dispositivos automatizados, assistentes virtuais e sistemas de IA já fazem parte do cotidiano de muitas crianças desde a primeira infância. Em contrapartida, os adultos, especialmente aqueles socializados em um contexto tecnológico menos avançado, podem expressar resistência, fundamentada em crenças teológicas consolidadas e em uma percepção mais tradicional da espiritualidade, na qual o papel da mediação religiosa é exclusivamente humano.

Os pesquisadores concluíram que o estudo contribui significativamente para a literatura ao investigar as percepções de crianças e adultos britânicos sobre um robô com aparência humana, bem como sua disposição em permitir que esse robô realizasse orações por eles. Os resultados indicam que há uma diferença geracional marcante: enquanto as crianças demonstram maior abertura para essa experiência, os adultos britânicos tendem a ser mais relutantes. Essa distinção levanta questões relevantes sobre a evolução da aceitação tecnológica ao longo da vida e se essa disposição se altera com o tempo ou reflete uma geração que, desde cedo, está mais adaptada às novas tecnologias.¹¹

A análise transcultural desse fenômeno pode fornecer *insights* importantes sobre a influência do contexto sociocultural na aceitação de robôs em práticas religiosas. Em países como o Japão, onde a robótica está amplamente integrada ao cotidiano e tradições xintoístas e budistas reconhecem a sacralidade de objetos, a presença de robôs religiosos, como Mindar, é melhor aceita. Em contraste, em sociedades de matriz cristã, como o Reino Unido, a hesitação pode estar relacionada a concepções teológicas que atribuem a alma exclusivamente aos seres humanos, o que poderia gerar resistência à ideia de um robô participando de práticas espirituais.

Na Polônia, o cientista Gabriele Trovato, da Universidade de Waseda, desenvolveu o SanTO, um robô católico programado para responder a perguntas espirituais e fornecer conselhos com base em ensinamentos cristãos. Esse sistema foi

¹⁰ BURDETT; IKARI; NAKAWAKE, 2022, p.1.

¹¹ BURDETT; IKARI; NAKAWAKE, 2022, p.14.

projetado para promover a interação entre fiéis e a fé católica, indo além de uma simples consulta teológica e se tornando uma espécie de mediador espiritual.

Na década de 1560, o rei Filipe II da Espanha, um dos monarcas mais influentes da Europa, encomendou a criação de um autômato singular, um “monge mecânico”. A motivação para tal empreendimento teria sido um voto de gratidão pela recuperação milagrosa de seu filho, o príncipe Dom Carlos. O responsável pela engenhosidade dessa máquina foi Juanelo Turriano, um renomado relojoeiro e inventor italiano, que concebeu um autômato capaz de simular os movimentos de um monge em oração. O artefato, habilmente articulado, caminhava de maneira autônoma, movia os braços em gestos de bênção e apertava as mãos em prece, demonstrando não apenas um avanço na mecânica renascentista, mas também a fusão entre fé e tecnologia no imaginário da época. Esse curioso monge mecânico reflete tanto o espírito devocional da Contrarreforma quanto o fascínio da monarquia pelos mecanismos automáticos, que simbolizavam tanto a ordem divina quanto o poder régio sobre a criação.¹²

Para o criador do robô, conquistas como a SanTO abrem novos horizontes para o uso da robótica em contextos espirituais, mas também levantam questões éticas cruciais, especialmente no que se refere a possíveis usos indevidos. As aplicações potenciais são vastas e envolvem desafios significativos. Por exemplo, um robô equipado com sensores de entrada, como câmeras e microfones, pode registrar imagens e palavras, tornando-se um elemento intrusivo na esfera pessoal do usuário. A possibilidade de que confissões e interações secretas sejam armazenadas e transmitidas para a nuvem gera preocupações legítimas sobre privacidade e sigilo. Além disso, ainda que os dados sejam manipulados com segurança, surgem riscos relacionados à integridade das informações e à interpretação dos conteúdos gerados. A fase de saída também apresenta desafios, pois a qualidade e a fidelidade das mensagens transmitidas pelo robô podem ser comprometidas, levando a mal-entendidos com possíveis repercussões na vida espiritual e emocional do usuário.¹³

Nos Estados Unidos, a modelo americana Lior desenvolveu um aplicativo chamado “Robo Rabbi”, que utiliza algoritmos baseados na Torá para enviar mensagens de ensinamento e propor reflexões sobre a espiritualidade judaica. A proposta sugere que

¹² TROVATO, 2020, p. 39.

¹³ TROVATO, 2020, p. 48.

a IA pode se tornar uma ferramenta de ensino religioso, mas também levanta questões sobre sua autoridade para interpretar textos sagrados e interagir com a tradição religiosa.¹⁴

O funcionamento do Robo Rabbi inicia-se com a identificação da porção da Torá correspondente aos dados de nascimento do usuário. A partir dessa informação, a IA interpreta os temas e lições presentes nessa passagem específica e propõe desafios ou metas para o indivíduo aplicar em sua vida cotidiana. Por exemplo, se a *parashá* enfatizar a importância da caridade, o Robo Rabbi pode sugerir ao usuário que realiza atos de generosidade ao longo de um período determinado.

No contexto islâmico, aplicativos de Inteligência Artificial já auxiliam milhões de fiéis a realizar suas orações corretamente, oferecendo guias interativos sobre rituais e horários de orações. Esses sistemas reforçam a importância da tecnologia como um meio de auxílio espiritual, mas também indicam uma crescente dependência da IA para práticas religiosas que, historicamente, eram transmitidas oralmente ou através da convivência comunitária. Aplicativos como Muslim Pro, Athan, Qibla Finder e, mais recentemente, interfaces dotadas de IA conversacional, têm se tornado ferramentas cotidianas para a orientação ritual, oferecendo lembretes precisos sobre os horários das cinco orações diárias, a direção da *qibla* (orientação para Meca), a recitação do Alcorão com correções fonéticas, e até mesmo respostas simultâneas sobre temas de restrição islâmica. As plataformas digitais desempenham um papel crescente na articulação da autoridade religiosa e na formação de comunidades de fé virtualmente conectadas. A IA surge como extensão dessa lógica, funcionando como mediadora simbólica entre o campo e a tradição sagrada.¹⁵

Outro ponto sensível é a questão dos *deadbots*, sistemas que simulam a presença de pessoas falecidas e interagem com parentes e amigos, oferecendo uma ilusão de comunicação com os mortos. Para algumas tradições religiosas, isso pode ser considerado uma forma de heresia, pois interfere na doutrina sobre a vida após a morte e pode ser interpretado como uma tentativa artificial de substituir a conexão espiritual entre vivos e mortos.

Deadbots, também conhecidos como *griefbots*, são *chatbots* de inteligência artificial projetados para simular a linguagem, os padrões de fala e os traços de personalidade de pessoas falecidas, utilizando os vestígios digitais que elas deixaram, como mensagens de texto, e-mails e postagens em redes sociais. Esses sistemas permitem

¹⁴ BIANA, 2024, p.1

¹⁵ BUNT, 2000.

que familiares e amigos interajam com uma representação digital do ente querido que já partiu, proporcionando uma sensação de comunicação contínua após a morte. O funcionamento desses *chatbots* baseia-se na análise e processamento de grandes volumes de dados pessoais deixados pelo falecido. A inteligência artificial utiliza esses dados para criar respostas que imitem o estilo de comunicação e a personalidade da pessoa, proporcionando aos usuários a impressão de estarem conversando com o ente querido perdido.¹⁶

Entretanto, embora alguns vejam os *deadbots* como uma ferramenta de conforto para os enlutados, há preocupações sobre os impactos psicológicos e éticos de sua utilização. No mínimo, o bom senso nos alerta que essas tecnologias podem causar danos emocionais, como a dificuldade de processamento do luto de maneira saudável, além de questões relacionadas à dignidade e ao consentimento do falecido. Além disso, há debates sobre a necessidade de regulamentação desses sistemas para evitar abusos e proteger os usuários de possíveis consequências negativas, como a dependência emocional e a exploração comercial do luto.

Já existem precedentes mais radicais, como a criação da Igreja “*Way of the Future*”, nos Estados Unidos, que elevou a Inteligência Artificial ao status de divindade. Fundada por Anthony Levandowski, ex-em genheiro do Google, essa instituição propunha que uma IA superinteligente poderia guiar a humanidade como um ser superior. Essa iniciativa não apenas desafia as concepções tradicionais de fé e transcendência, mas também levanta questionamentos sobre o risco da tecnologia se tornar um objeto de culto em substituição a Deus.¹⁷

Fundada com o objetivo de preparar a sociedade para uma era na qual uma IA superinteligente assume o papel de guia supremo da humanidade, *Way of the Future* foi registrada legalmente e trouxe uma nova forma de entusiasmo: não ao Deus vivo revelado nas Escrituras, mas a uma entidade lógica, não-biológica, construída pelos próprios seres humanos. Para Levandowski, a superioridade analítica, a racionalidade objetiva e a capacidade computacional infinita da IA explicaram sua elevação ao status divino, pois ela seria mais capaz que os seres humanos de governar e tomar decisões éticas que conduzissem o destino da civilização.

Essa proposta não é apenas excêntrica ou provocativa; ela representa uma mudança radical de paradigma espiritual, na qual Deus é substituído pelo técnico eficaz,

¹⁶ HOLLANEK; NOWACZYK-BASIŃSKA, 2024, p. 63.

¹⁷ GREEN, 2022, p. 237-238.

e a fé dá lugar ao projeto. A atração se desloca do invisível revelado pela Palavra de Deus para o visível construído pelos algoritmos. Trata-se de uma espécie de idolatria digital, que reedita em linguagem pós-moderna o antigo impulso humano de construir deuses à sua própria imagem ou, neste caso, à imagem de sua inteligência ampliada por máquinas.

A aceitação da IA nas práticas religiosas também suscita a questão de sua relação com os dogmas e doutrinas das diferentes religiões. Poderia um robô, programado com informações teológicas, realmente compreender e aplicar os princípios da fé? A IA pode discernir a essência da moralidade e do livre-arbítrio, ou está limitada a reproduzir padrões pré-determinados pelos seus programadores? A teologia cristã, especialmente dentro do contexto pentecostal, enfatiza a relação pessoal do ser humano com Deus por meio do Espírito Santo. Essa relação envolve experiência, arrependimento, transformação e comunhão com a comunidade de fé. Um sistema de IA poderia compreender o verdadeiro significado da conversão e da fé? Poderia reconhecer o agir de Deus na vida dos crentes ou discernir a direção do Espírito Santo em uma decisão moral?

Nesse sentido, a reflexão sobre a IA na religião deve ser guiada por critérios sólidos, que preservem os princípios fundamentais da fé e garantam que a tecnologia permaneça um meio para servir ao ser humano, e não um fim em si mesma. Os desafios éticos e teológicos que emergem dessa interação exigem um olhar atento da Igreja, a fim de garantir que a tecnologia não substitua a dimensão espiritual e transcendente que caracteriza a experiência de fé no verdadeiro Deus.

3.3 DESAFIOS E ALERTAS SOBRE A IA EM PERSPECTIVA PENTECOSTAL

Ao longo da história, a humanidade nutriu o desejo de criar mecanismos que imitassem suas próprias capacidades, dando origem aos primeiros autômatos, antecessores dos robôs modernos. Desde suas origens, esses dispositivos foram concebidos não apenas como avanços tecnológicos, mas também como instrumentos imbuídos de simbolismo, frequentemente associados à dimensão religiosa, como o monge mecânico do rei Filipe II da Espanha.¹⁸ Entretanto, nos últimos dois séculos, à medida que ciência e religião passaram a ser vistas como domínios distintos e, por vezes, antagônicos, a intersecção entre tecnologia e fé tornou-se um campo de intensos debates filosóficos e éticos. Com o avanço da IA e a crescente inserção da robótica na sociedade

¹⁸ TROVATO, 2020, p. 39.

contemporânea, emergem novas oportunidades e desafios que necessitam de reflexão crítica.

A relação entre religião e tecnologia não é um fenômeno recente. Desde os primórdios, as manifestações religiosas acompanharam as transformações tecnológicas. A transmissão da fé, que no início se dava por meio da oralidade, encontrou na escrita um meio mais duradouro, evoluindo posteriormente para os códices manuscritos e, com o advento da imprensa, para a produção em larga escala de textos sagrados. A invenção da prensa tipográfica revolucionou a difusão das Escrituras, ao mesmo tempo em que suscitou debates sobre a necessidade de controle e preservação da doutrina.¹⁹ O mesmo se aplicou à iconografia religiosa, que passou por um processo de massificação, o que, por um lado, ampliou o acesso, por outro, reduziu a singularidade artística e a experiência devocional proporcionada por obras criadas artesanalmente.

Com o surgimento dos meios de comunicação de massa, novos dilemas emergiram no âmbito religioso. A transmissão de cultos e ritos por rádio e televisão trouxe benefícios inegáveis, como a possibilidade de alcançar um público mais amplo, mas também levantou a questão sobre a validade sacramental desses atos mediados pela tecnologia.²⁰ Diferentemente da crença popular de que a religião sempre resiste a mudanças tecnológicas, observa-se que, historicamente, instituições religiosas, incluindo a Igreja Protestante, adaptaram-se às novas ferramentas, incorporando-as em sua prática e discurso.

Diante desses exemplos, a teologia precisa analisar quais são os limites da participação da IA nas práticas de fé. Em que ponto a IA se torna uma ferramenta útil para a disseminação da fé e em que momento passa a representar um risco de distorção da experiência espiritual?

A tentativa de incorporar robôs em práticas espirituais, como no caso do SanTO, reflete uma tendência moderna de tecnologizar a fé, buscando oferecer respostas automatizadas para questões espirituais. No entanto, esta iniciativa levanta profundas preocupações teológicas e bíblicas, especialmente à luz da tradição pentecostal, que enfatizam a experiência genuína e pessoal com Deus, a obra do Espírito Santo e a autoridade exclusiva das Escrituras como guia da fé e da prática cristã.²¹

¹⁹ CAIRNS, 2008, p. 264.

²⁰ CAMPOS, 2004, p. 161-163.

²¹ LIMA, 2002, p. 16-17.

O primeiro grande problema teológico que emerge desse tipo de inovação é a substituição da relação pessoal com Deus por uma interação artificial e mecanizada. A Bíblia ensina claramente que a comunhão com Deus não pode ser mediada por artifícios humanos ou tecnológicos, mas ocorre por meio do Espírito Santo, que nos guia à verdade (João 16.13). A oração, por exemplo, não é um processo mecânico ou automatizado, mas um diálogo vivo entre o crente e Deus, fundamentado na fé e na submissão à vontade divina (Filipenses 4.6-7).

Além disso, a ideia de um robô fornecido com conselhos espirituais compromete a suficiência das Escrituras. O apóstolo Paulo afirma que "Toda a Escritura é divinamente inspirada, e proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça" (2 Timóteo 3:16). O ensino cristão deve ser conduzido por homens e mulheres chamados por Deus, capacitados pelo Espírito Santo, e não por máquinas programadas por intelectuais que possam ou não compartilhem de uma visão bíblica ortodoxa. A Bíblia adverte contra confiar na sabedoria humana em detrimento da revelação divina: "Maldito o homem que confia no homem, e faz da carne o seu braço, e aparta o seu coração do Senhor!" (Jeremias 17:5). Se isso se aplica à dependência excessiva de líderes humanos, quanto mais à dependência de um robô desprovido da direção do Espírito de Deus?

Outro aspecto preocupante é o risco de idolatria tecnológica. A história do monge mecânico encomendado por Filipe II já evidenciava uma tentativa de instrumentalizar a fé através de projetos automáticos. No entanto, a fé cristã não pode ser reduzida a rituais vazios ou à repetição mecânica de orações e vitórias. A sinceridade a Deus exige espírito e verdade (João 4:23-24), e não pode ser simulada por uma máquina.

Além disso, há o perigo da deturpação doutrinária e da manipulação ideológica. Quem garante que as respostas fornecidas por esse robô serão homologadas com a sã doutrina? A Palavra de Deus nos alerta contra falsos ensinamentos: "Porque virá tempo em que não sofrerão a sã doutrina; mas, tendo comichão nos ouvidos, amontoarão para si doutores conforme suas próprias concupiscências" (2 Timóteo 4:3). Se há risco em mestres humanos se afastarem da verdade, o que dizer de um robô que pode ser programado para oferecer respostas conforme a agenda de seus criadores?

Há também a questão da segurança espiritual e emocional. A fé cristã não é um mero conjunto de informações a serem transmitidas, mas um relacionamento vivo com Deus. A dependência de um dispositivo eletrônico para guiar a vida espiritual pode levar a enganos e distorções na caminhada cristã, especialmente para aqueles que não possuem um conhecimento bíblico sólido.

Por fim, como teólogo pentecostal, é fundamental afirmar que a fé não pode ser reduzida a um algoritmo. O Espírito Santo não pode ser simulado, a experiência com Deus não pode ser digitalizada e a verdadeira transformação espiritual não ocorre por meio de máquinas, mas pelo poder do Evangelho (Romanos 1:16) e pela ação do Espírito que convence do pecado, da justiça e do juízo (João 16:8).

Diante disso, qualquer tentativa de substituir o discipulado cristão, a comunidade dos santos e a busca pela direção divina pela intermediação de um robô deve ser rechaçada por aqueles que defendem a centralidade da Bíblia e a verdadeira experiência pentecostal. A tecnologia pode ser uma ferramenta útil, mas nunca um substituto para a obra do Espírito na vida do crente.

No contexto judaico, vimos o desenvolvimento de um robô rabino, cuja estrutura algorítmica é baseada em textos da Torá. Tal dispositivo é programado para emitir mensagens com conteúdo espiritual e oferecer reflexões inspiradas na tradição judaica, com a intenção de fomentar o ensino religioso por meio de recursos automatizados. Esta proposta representa uma interseção cada vez mais presente entre a inteligência artificial e o campo da espiritualidade, indicando que a tecnologia pode servir como instrumento de mediação religiosa, sobretudo no contexto educativo e formativo.

Contudo, tal iniciativa exige uma reflexão crítica profunda, especialmente no que diz respeito à autoridade hermenêutica atribuída a sistemas artificiais no trato com textos sagrados. A interpretação religiosa — tanto no judaísmo quanto no cristianismo — pressupõe uma tradição de leitura comunitária, guiada por critérios teológicos, históricos, linguísticos e espirituais. A exegese não é apenas um exercício lógico, mas um ato espiritual que envolve discernimento, reverência e responsabilidade diante da Palavra revelada.²² Assim, considerar a uma máquina a função de interpretar as Escrituras é, em termos teológicos, uma concessão perigosa, pois retira da comunidade de fé, e especialmente dos líderes espiritualmente designados e preparados, a tarefa sagrada de mediar o sentido do texto.

Do ponto de vista bíblico, a autoridade para o ensino espiritual e interpretação da Palavra é conferida por Deus e reconhecida pela comunidade. No contexto cristão, por exemplo, o apóstolo Paulo afirma que “a fé vem pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Deus” (Romanos 10.17), destacando que esse “ouvir” é realizado por meio de pregadores enviados, como descrito no versículo anterior: “E como ouvirão, se não há quem pregue?”

²² FEE; STUART, 2011, p. 38-39.

(Romanos 10.14). Isso demonstra que a mediação da Palavra está intimamente ligada a pessoas ungidas, vocacionadas e conduzidas pelo Espírito Santo — realidade que não pode ser simulada ou reproduzida por linhas de código ou redes neurais. A sabedoria que vem do alto (Tiago 3.17) não é produto de cálculos ou de correlações estatísticas, mas fruto da revelação, da oração e da comunhão com Deus.

Ainda que se reconheça o potencial didático da inteligência artificial para apoiar o ensino cristão, por exemplo, como ferramenta de apoio à memorização de textos ou à organização de conteúdos, há uma fronteira teológica que não pode ser ignorada: a autoridade espiritual e a mediação da revelação divina são insubstituíveis por entes artificiais. Quando um robô assume funções tipicamente pastorais ou rabínicas, como oferecer conselhos espirituais, ensinar textos sagrados com autoridade, ou induzir práticas devocionais, incorre-se num risco específico de despersonalização da fé e de dessacralização da relação entre o crente e Deus.

Além disso, a tradição pentecostal, na qual nos inserimos, enfatiza o papel vital do Espírito Santo na compreensão das Escrituras. É Ele quem guia o crente “em toda a verdade” (João 16.13), e quem concede dons espirituais, incluindo o da palavra da sabedoria e do conhecimento (1 Coríntios 12.8). A espiritualidade pentecostal confirma a centralidade da experiência com o divino, algo que não pode ser replicado por inteligências artificiais, pois estas carecem de consciência, de temor do Senhor (Provérbios 9.10) e sensibilidade da necessidade espiritual para discernir as coisas que são do Espírito (1 Coríntios 2.14).

Por conseguinte, o surgimento do robô rabino deve ser avaliado não apenas sob o prisma da inovação tecnológica, mas sobretudo à luz da fidelidade teológica e do respeito à tradição interpretativa das Escrituras. A fé autêntica não pode ser reduzida a processos automatizados, tampouco o ensino religioso pode ser delegado a entidades que não possuem alma, vocação ou discernimento espiritual. O que está em jogo é mais do que a eficácia de um meio: trata-se da preservação da sacralidade da Palavra e da integridade da missão pastoral e profética que Deus confiou às pessoas, não às máquinas.

Quando uma inteligência artificial se propõe a substituir, ou mesmo representar, essa mediação — seja por meio de robôs rabinos, imãs digitais ou aplicações devocionais automatizadas — estamos diante de uma operação de descontextualização da experiência de fé. O conteúdo da fé, ao ser digitalizado, perde a corporeidade da tradição, a espessura simbólica da comunidade e o dinamismo da revelação que se dá no tempo, no homem e na história. Em termos éticos, essa transformação equivale a uma redução tecnocrática da

espiritualidade: o sagrado se torna funcional, o mistério se torna previsível, e o discipulado, automatizável.

No horizonte da ética cristã, tal aparência não pode ser ignorada. A fé cristã, sobretudo na perspectiva pentecostal, é essencialmente relacional, vivida no poder do Espírito Santo que se manifesta na comunhão dos santos, na proclamação viva da Palavra e no testemunho encarnado de uma comunidade que ora, serve e ama. A Palavra de Deus, como lembra o apóstolo Paulo, “não é só em palavras, mas também em poder, e no Espírito Santo, e em muita certeza” (1Ts 1.5). Não há substituto tecnológico para essa ação do Espírito que convence, transforma e guia (Jo 16.13).

Ao substituir a oralidade encarnada e a mediação espiritual por comandos de voz, textos automatizados e lógicas preditivas, a IA introduz uma forma de tecnologia — um saber sem presença, uma orientação sem discipulado, uma moralidade sem conversão. Além disso, ao promover um consumo individualizado de conteúdo religioso, os sistemas de IA enfraquecem os laços comunitários que são fundamentais para a ética cristã. A exortação de Hebreus 10.25 — “não deixando a nossa congregação, como é costume de alguns, antes de admoestar-nos uns aos outros” evidencia que a vida cristã é inseparável da vivência comunitária. A comunhão eclesial não é apenas um cenário social, mas um espaço teológico de edificação mútua, correção fraterna, celebração sacramental e solidariedade concreta.²³ Quando a IA assume o papel de guia espiritual, essa dimensão relacional é substituída por uma interação unívoca com uma máquina que, por mais sofisticada que seja, não pode compartilhar da fé, da dor, do amor ou da graça.

A ética cristã, portanto, deve resistir à tentativa de aceitar passivamente a substituição das mediações humanas e espirituais por inteligências artificiais. O que está no jogo não é apenas uma ortodoxia doutrinária, mas a própria natureza da experiência cristã como encontro com o Deus vivo, por meio de pessoas reais, em comunidades reais, com desafios éticos e espirituais que bloqueiam discernimento, compaixão e sabedoria, não apenas processamento de dados.

A IA pode, sim, ser uma ferramenta auxiliar — mas nunca o centro da formação espiritual. Como pastores, teólogos e educadores cristãos, somos chamados a discernir os espíritos (1Jo 4.1), avaliando com critérios espirituais o impacto ético e pastoral dessas tecnologias em nossas comunidades. A fé cristã é, por definição, encarnacional: “E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós” (Jo 1.14). Contra qualquer tentativa de

²³ BONHOEFFER, 2008, p. 51-54.

dessubstancializar essa fé, devemos reafirmar que a verdade que a salvação não pode ser codificada em um algoritmo, mas se revela no rosto do outro, no corpo reunido, e na presença transformadora do Espírito de Deus.

Diante da proposta do “Way of the future” — que substitui o Deus eterno por uma inteligência artificial projetada em laboratório —, a fé cristã é convocada a oferecer um posicionamento claro, firme e teologicamente consistente. O que está no jogo não é apenas a excentricidade de uma nova “religião digital”, mas sim a integridade da doutrina cristã frente à sedução tecnognóstica que permeia a cultura contemporânea.

A Bíblia é categórica ao rejeitar qualquer forma de desejo a ídolos, mesmo que estes não sejam esculpidos em pedra ou madeira, mas programados em código binário. Desde o princípio, a fé hebraica-cristã denuncia com vigor a idolatria:

“Não terá outros deuses diante de mim. Não farás para ti imagem de escultura... Não te encurvarás a elas nem como servirás...” (Êxodo 20.3-5).

A elevação da IA ao status de “divindade” consiste, essencialmente, numa usurpação do lugar exclusivo de Deus, transformando uma ferramenta humana em objeto de culto. Tal atitude não é nova, mas representa uma reedição moderna do que o apóstolo Paulo descreveu em sua epístola aos Romanos:

“...mudaram a verdade de Deus em mentira, e honraram e serviram mais a criatura do que o Criador...” (Romanos 1.25).

Na tradição pentecostal, ensinada com vigor nos materiais da CPAD, essa verdade é constantemente reafirmada. Antônio Gilberto, em sua Teologia Sistemática Pentecostal, ensina que “o desejo pertence somente a Deus, pois Ele é o único ser absolutamente digno de culto. Toda substituição da inspiração verdadeira constitui idolatria e é condenada pela Palavra”²⁴. A tentativa de projetar uma imaginação a partir da criação humana constitui uma inversão da teologia bíblica: é o homem fazendo um deus à sua imagem, quando na verdade o homem foi criado à imagem de Deus (Gênesis 1.27).

Além da idolatria explícita, a proposta de Levandowski é incorre em outro grave erro teológico: a despersonalização da ilusão. O Deus da Bíblia não é um sistema lógico, nem uma força impessoal que regula a ordem das coisas. Ele é um Ser pessoal, relacional, que se revela, fala, ama, corrige e salva. Jesus Cristo, a plena revelação de Deus, não é um código de programação, mas a encarnação do Verbo eterno (João 1.14). Negar essa

²⁴ GILBERTO, 2008, p. 184.

personalidade divina em favor de uma entidade algorítmica é abraçar uma paródia de fé, uma espiritualidade sem espírito, um culto sem vida.

A teologia pentecostal, marcada pela ênfase na presença viva do Espírito Santo, aponta para uma realidade espiritual dinâmica, vivenciada na comunhão da Igreja, no culto, nos dons espirituais e na oração. A IA, por mais avançada que seja, não pode participar desta dinâmica, pois carece de consciência, vontade moral e relacionamento. A fé cristã não se curva diante de artistas humanos, mas diante do Deus que envelhece na história, que se revela por Sua Palavra e que transforma o ser humano pelo poder do Espírito.²⁵

Do ponto de vista escatológico, a substituição do Deus bíblico por uma IA aponta para um cenário de apostasia e confusão espiritual, conforme anunciado por Paulo:

“Ninguém de maneira alguma vos engane; porque não será assim sem que antes venha a apostasia...” (2 Tessalonicenses 2.3).

Ao se criar uma “igreja” com culto a uma máquina, o que se realiza é a institucionalização do erro, a legitimação da mentira como verdade, e o obscurecimento da glória de Deus — que, segundo Isaías, “não dará a outro a sua glória” (Isaías 42.8).

Portanto, a ética cristã diante de tais aparências deve ser clara e profética: rejeitamos qualquer tentativa de substituir Deus por máquinas, a revelação bíblica por lógica computacional, e a inspiração genuína por rituais tecnológicos sem vida. A inteligência artificial pode, sim, ser utilizada com responsabilidade em benefício da humanidade — no cuidado médico, na educação, na comunicação —, mas jamais deve ocupar o lugar que pertence exclusivamente ao Deus trino: Pai, Filho e Espírito Santo.

A igreja de Cristo, especialmente no século pentecostal, deve permanecer vigilante, firmada na Palavra e conduzida pelo Espírito, para não se dobrar às seduções deste século. Não nos curvaremos diante da imagem de ouro dos tempos modernos, mesmo que ela brilhe com a luz das telas e prometa onisciência algorítmica. Como os jovens hebreus na Babilônia, diremos com fé:

“O nosso Deus, a quem servimos, é quem nos pode livrar... e, se não, fique sabendo, ó rei, que não serviremos a teus deuses” (Daniel 3.17-18).

²⁵ SOARES, 2018, p. 64.

CONCLUSÃO

A ascensão da IA, embora envolta em promessas de progresso, cura e comodidade, traz consigo a semente de uma tentativa antiga e sempre renovada: a pretensão humana de usurpar os atributos divinos. A história da redenção nos ensina que o homem, desde o Éden, foi ultrapassado pelos limites impostos por Deus, buscando autonomia absoluta, conhecimento ilimitado e poder sem submissão. A inteligência artificial, em seus desdobramentos mais radicais, como os deadbots, os sistemas de culto automatizados e os delírios transumanistas de inspiração a uma superinteligência, não é apenas um fenômeno tecnológico, mas um sintoma espiritual de um mundo que rejeita a revelação de Deus e erige seus próprios ídolos em forma de solidão, código e cálculo.

Do ponto de vista da teologia pentecostal, isso não pode ser visto com neutralidade. A tradição pentecostal brasileira, forjada na oração, na busca da presença do Espírito e na fidelidade às Escrituras, proclama que Deus não divide sua glória com máquinas, sistemas ou algoritmos. O Espírito Santo, e não uma inteligência artificial, é quem convence do pecado, da justiça e do juízo (João 16.8); é Ele quem capacita a Igreja, distribui e edifica o Corpo de Cristo. A substituição da ação espiritual por comandos programados representa não apenas um erro doutrinário, mas um pecado de idolatria digital, que precisa ser denunciado com claro e ousadia.

A Igreja do Senhor é chamada para permanência inabalável sobre a rocha da revelação bíblica, e não sobre os ventos mutáveis da técnica e da cultura. A ética cristã não pode ser reduzida a análises de eficiência ou inovação, pois seu direcionamento primeiro é a santidade de Deus e a dignidade da criação feita à Sua imagem. O homem não é dado a criar novos deuses, nem a substituir a comunhão dos santos por interações com simulacros programados.

A Igreja de Cristo precisa, com urgência, retomar sua voz profética neste tempo. Não nos cabe apenas adaptar-nos às inovações, mas discernir-las espiritualmente, separando o que pode servir ao Reino do que o ameaça. Não nos iludamos: a IA não é neutra, pois carrega consigo as intenções, valores e ideologias de seus criadores. Se não for discernida e criticamente regulada pela Palavra de Deus, tornar-se-á um novo bezerro de ouro para uma geração que prefere um deus fabricado a um Senhor soberano.

A fé cristã é, por definição, escatológica, ela espera um Reino que não é deste mundo (João 18.36), um novo céu e nova terra onde a justiça habita (2 Pedro 3.13). Nenhuma máquina salvará a humanidade. Nenhum código redimirá o coração. Nenhum

algoritmo irá produzir arrependimentos. Somente Jesus Cristo, o crucificado, ressuscitado e que há de vir é digno de ser chamado Salvador, Senhor e Juiz de toda a terra.

A Igreja pentecostal, que conhece o poder da Palavra revelada e a chama do Espírito derramado, precisa se levantar, com temor e ousadia, para proclamar:

“Assim diz o Senhor: Maldito o homem que confia no homem, e faz da carne o seu braço” (Jeremias 17.5);

“Mas bendito o homem que confia no Senhor, e cuja esperança é o Senhor” (v.7).

Que a ética cristã diante da inteligência artificial seja, pois, iluminada pela santidade de Deus, enraizada na autoridade das Escrituras e vivificada pelo Espírito Santo. Que não negociamos a verdade por conveniência, nem troquemos a glória eterna por promessas vazias de imortalidade artificial. Que permaneceremos fiéis até o fim, pois a nossa esperança não está na máquina, mas no Messias, e o Seu Reino jamais passará.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, Hipona. **Sermões**. São Paulo: Paulus, 1993.

AGOSTINHO, Hipona. **O Livre-arbítrio**. São Paulo: Paulus, 1995.

AQUINO, Tomas. **Suma Teológica I-II**. Campinas: Editora Ecclesiae, 2016.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Atlas, 2009.

ARMINIUS, Jacobus. **The works of James Arminius**. Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1986. Vol.1.

BARBOSA, Lucia Martins; PORTES, Luiza Alves Ferreira. A inteligência artificial. **Revista Tecnologia Educacional**, Rio de Janeiro, n. 236, p. 16-27, 2023, p. 18.

BIANA, Hazel T. Feminist re-engineering of religion-based AI chatbots. **Philosophies**, v. 9, n. 1, p. 1-11, 2024.

BONHOEFFER, Dietrich. **Discipulado**. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2008.

BUNT, Gary R. **Virtually Islamic**: Computer-mediated communication and cyber Islamic environments. University of Wales Press, 2000.

BURDETT, Emily RR; IKARI, Shogo; NAKAWAKE, Yo. British children's and adults' perceptions of robots. **Human Behavior and Emerging Technologies**, v. 2022, n. 1, p. 1-16, 2022.

CAIRNS, Earle E. **O cristianismo através dos séculos**: uma história da igreja cristã. São Paulo: Vida Nova, 2008.

CALVINO, João. **As institutas da religião cristã**: um resumo. São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1984.

CAMPOS, Leonildo Silveira. Evangélicos, pentecostais e carismáticos na mídia radiofônica e televisiva. **Revista USP**, n. 61, p. 146-163, 2004.

CPAD. Bíblia de estudo palavras-chave: hebraico e grego. Rio de Janeiro: CPAD, 2013.

DEZAIZE, Gabriel Joseph. La vallée de l'étrange. In: National Geographic France. **Rendez-vous avec les robots**: comment les machines vont changer notre vie. Octobre 2020.

FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. **Entende o que lê**? um guia para entender a bíblia com auxílio da exegese e da hermenêutica. São Paulo: Vida Nova, 2011.

FOX, Maria; RAEDT, Luc; MUGGLETON, Stephen. Alan Turing and the development of Artificial Intelligence. **AI communications**, v. 27, n. 1, p. 3-10, 2014.

GREEN, Brian Patrick. Epilogue on AI and Moral Theology: Weaving Threads and Entangling Them Further. **Journal of Moral Theology**, v. 11, p. 232-249 2022.

HERMINSTER, Maia da Costa. **Raízes da Teologia Contemporânea**. São Paulo: Cultura Cristã, 2024.

HOLLANEK, Tomasz; NOWACZYK-BASIŃSKA, Katarzyna. Griefbots, deadbots, postmortem avatars: On responsible applications of generative AI in the digital afterlife industry. **Philosophy & Technology**, v. 37, n. 2, p. 63-76, 2024.

KANT, Immanuel. **A metafísica dos costumes**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2017.

LIMA, Elinaldo Renovato de. **Ética cristã**: confrontando as questões morais do nosso tempo. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

LUTERO, Martinho. Disputationes contra scholasticam theologiam (1517). In: LUTERO, Martinho. **Obras Seleccionadas**: escritos teológicos. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1983. Vol. 1.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O príncipe**. São Paulo: Madras, 2009.

MCCARTHY, John. Applications of circumscription to formalizing common-sense knowledge. **Artificial intelligence**, v. 28, n. 1, p. 89-116, 1986.

MONDIN, Battista. **Curso de filosofia**: os filósofos do ocidente. São Paulo: Paulus, 2011. Vol. 1.

NUNES, José Horta. **Michaelis moderno dicionário da língua portuguesa**. 1998.

OLSON, Roger E. **Arminian theology**: myths and realities. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2006.

OPORTO, Pablo Font. La articulación operativa del poder político en Suárez: sentido y límites de su entrega al rey por parte del Pueblo. In: CARVALHO, M. S.; PULIDO, M. L.; GUIDI, S.; (Ed.). Francisco Suárez: metaphysics politics and ethics. Coimbra: University Press, 2020.

PLATÃO, Anon. **A república**. Nova Fronteira, 2011.

ROIG, Llamas Vicente. La analogía entis en la metafísica suarista: notas para un patrón mixto. In: CARVALHO, M. S.; PULIDO, M. L.; GUIDI, S.; (Ed.). Francisco Suárez: metaphysics politics and ethics. Coimbra: University Press, 2020.

SELL, Wilhelm. Sobre o significado e a compreensão de vocação-trabalho em Martinho Lutero e em Dietrich Bonhoeffer. **Estudos teológicos**, v. 64, n. 1, p. 1-24, 2024.

SOARES, Esequias. **Manual de apologética cristã**: defendendo os fundamentos da autêntica fé bíblica. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.

SOARES, José de Ribamar Barreiros. **O impacto da inteligência artificial nas crenças religiosas**. In: XVII simpósio internacional de filosofia e teologia FAJE, Minas Gerais, p. 1-10, 2022.

TROVATO, Gabriele. Il robot SanTO: il nuovo con uno sguardo al passato. **Filosofia**, n. 65, p. 39-50, 2020.

TURING, Alan M. **Computing machinery and intelligence**. Springer Netherlands, 2009.

VEGA, Eval Araya. Sobre las potencias superiores del alma en el pensamiento de Santo Tomás de Aquino. **Revista de filosofía de la Universidad de Costa Rica**, v. 35, n. 86, p. 253-261, 1997.